Globethics Repository



A questão da Linguagem em Ser e Tempo [The issue of language in Being and Time]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository. More information on Globethics see https://www.globethics.net. Data and content policy of Globethics Repository see https://repository.globethics.net/pages/policy.

Item Type	Article
Authors	Meirelles, Laura
Publisher	UFJF - Universidade Federal de Juiz de Fora
Rights	With permission of the license/copyright holder
Download date	2026-11-19 19:17:57
Link to Item	http://hdl.handle.net/20.500.12424/234574

Revista Ética e Filosofia Política – Volume 10 – Nº 2

Dezembro de 2007

A questão da Linguagem em *Ser e Tempo*

Laura Meirelles[1]

REVISTA ÉTICA E FILOSOFIA POLÍTICA

Revista do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Juiz de Fora • www.eticaefilosofia.ufjf.br

[1] **Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião na área de Filosofia da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora/Minas Gerais. Título da Dissertação a ser defendida em 29 de fevereiro de 2008: *Ereignis e Linguagem: uma Filosofia da Religião em Martin Heidegger*. Bolsista da CNPq.**

Resumo: O seguinte artigo pretende pontuar de que modo a questão da Linguagem em referência ao Discurso é importante para entrever a questão do Ser. Esta perpassa a obra de Heidegger, ora como sentido do Ser, ora como sua Verdade. Essa mudança tonal é marcada pela torção que há no modo como o pensador entrevê a Linguagem ao logo de suas obras. Estas diferenças serão ressaltadas, assim como os pontos de contato. No fim, o que se deixa entrever é a busca pelo Ser em seu "acontecimento essencial".

Palavras-chave: Heidegger, Ser e Tempo, Linguagem.

O ano de 2007 é especialmente importante para a comunidade filosófica. É nele que se comemoram os 80 anos de publicação de uma das obras mais importantes do século XX, *Sein und Zeit*[2] (*Ser e Tempo*), de Martin Heidegger. A partir disto então, o presente artigo pretende se voltar para uma temática que ainda está galgando os seus primeiros passos, mas que perpassa toda a obra posterior do pensador, ou seja, a Linguagem. Em duas outras obras, esta temática também é entrevista. O ínterim entre 1936 a 1938 é a data na qual as *Beiträge zur Philosophie: vom Ereignis*[3] (*Contribuições para a Filosofia: da Ereignis*) foram confeccionadas. Já nos anos 50, mais especificamente entre 1955-59, se deu a obra *Unterwegs zur Sprache*[4] (*A Caminho da Linguagem*). Em ambas, a Linguagem e a busca pela sua essência se mostram como caminhos necessários para se compreender/interpretar/situar a ambiência no qual o Ser se dá. As diversas referências entre *Ereignis* ↔ Ser ↔ *Dasein* ↔ Ente ↔ Homem só podem ser entrevistas em um jogo todo próprio, que neste caso, é o hermenêutico. Este ocultar-se e mostrar-se da referência entre Ser e *Dasein* tem como ambiência a Linguagem e conseqüentemente a *Ereignis*. No entanto, cabe aqui a questão: como a obra de 1927 se encaixa nesta busca posterior? *Sein und Zeit* já possui os germes propiciadores daquela nomeada por Heidegger de "a Verdade do Ser"? Esta seria radicalmente oposta a outrora busca radicada em *Sein und Zeit*?

Em *Sein und Zeit*, o Ser é entrevisto à luz do *Dasein* cotidiano. O Homem enquanto Ente se diferencia dos demais Entes intramundanos justamente por habitar o mundo enquanto *Dasein*, nessa abertura específica. Enquanto tal, o Homem pode questionar a seu próprio Ser enquanto que os outros entes intramundanos não. Diante disso, o que se quer entrever é o sentido do Ser em geral através do lugar no qual esse *Dasein* se dá. Para tal, Heidegger leva a constituição do Homem e sua referência ao Ser para uma ambiência nunca antes entrevista; isto quer dizer, para dentro do jogo ocultar-se/mostrando, mostrar-se/ocultando. Para dar conta de tal tarefa, o pensador precisa deslocar as concepções hodiernas do Homem enquanto ser racional e do Ser como essência em si e substantivada para dimensões aquém dessas derivações. A Metafísica deixa entrever o Homem como uma *Vorhandenheit*, ou seja, "como algo que está à mão". Com a referência entre *Dasein* ↔ Ente ↔ Homem,

---

[2] HEIDEGGER, Martin. *Sein und Zeit.* 1. ed. Tübingen: Max Niemeyer Verlag Tübingen, 1967. [*Ser e Tempo.* 10. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2002. v. 1-2.].
[3] HEIDEGGER, Martin. *Beiträge zur Philosophie: Vom Ereignis*. 3. ed. Frankfurt: Vittorio Klostermann, 2003.
[4] HEIDEGGER, Martin. *Unterwegs zur Sprache*. 13. ed. Stuttgart: Klett-Cotta, 2003.

esta constituição será deslocada para uma outra possibilidade. Então, entram em jogo "ser-no-mundo", "ser-em" e "ser-com-os-outros". Heidegger passa os primeiros cinco capítulos de *Sein und Zeit* apontando como essas dimensões constituem o *Dasein* e sua referência constitutiva com o Ser. Através disso, trilhando este caminho, poder-se-ia chegar ao sentido do Ser em geral. No entanto, qual o por quê desse caminho? Para que isso se desse não mais apoiado na Tradição Metafísica, ele precisa lançar mão de novas bases, ou seja, de uma Filosofia calcada na Fenomenologia Hermenêutica. Não é como se toda a Metafísica tivesse errado na busca pelo Ser, mas apenas deixou ressoar esse lugar mais primordial através do esquecimento do Ser enquanto Ser, transformando-o em Ente. Deixar o sentido do Ser se entreluzir é permitir que ele se dê enquanto tal, ou seja, enquanto Ser ambientado nesse dar-se hermenêutico. Daí a importância da obra de 1927: buscando conciliar dizer e não dizer para salvaguardar o próprio sentido do Ser, Heidegger indica caminhos para um novo método, chamado posteriormente pelo hermeneuta Paul Ricoeur de "Hermenêutica Ontológica"[5]. A ontologia marcou a Metafísica como também as obras de Heidegger. A sua grandeza, entretanto, está em apontar um novo caminho para ela.

Dessa maneira, calcado sobre novas bases, Heidegger aponta para a ambiência da Linguagem. Em *Sein und Zeit*, é justamente o parágrafo 34 do capítulo quinto o lugar que marcará um dos pontos de germinação dessa temática. Através da obra *Unterwegs zur Sprache* (*A Caminho da Linguagem*), especificamente no texto intitulado *Aus einem Gespräch von der Sprache*: *zwischen einem Japaner und einem Fragenden*[6] (*Por uma conversa sobre a Linguagem: entre um Japonês e um Questionante*), de 1953/54, pode-se vislumbrar o caráter efervescente da Linguagem em *Sein und Zeit*:

> *Quem pode se arrogar a doação de um tal dádiva? Eu apenas sei isso: a reflexão sobre a linguagem e o ser determina, desde cedo, o caminho do meu pensamento, por isso a discussão permanece tanto quanto é possível no fundo. Talvez seja a falta fundamental do livro "Ser e Tempo" que eu tenha me atrevido a avançar muito cedo, muito longe.*[7]

Nessa passagem, Heidegger não somente vislumbra a importância e relevância da Linguagem como "pano de fundo" (*Hintergrund*) de toda a sua obra, mas também como em *Sein und Zeit* ela ficou apenas entrevista e não lhe foi dada um foco predominante. No entanto, ela estava lá na forma de um "sentir-se situado" (*Befindlichkeit*). Ao mesmo tempo, com a fala do pensador, pode-se entrever o quão necessário é vislumbrar a Linguagem na busca pelo sentido do Ser e outrora conhecida como sua Verdade.

Em *Sein und Zeit*, a Linguagem se deixa entrever como o "sentir-se situado" em um lugar. No entanto, como isto se dá? Ela surge no momento em que Heidegger vislumbra "o Ser-em enquanto tal"[8]. Uma da

---

[5] RICOEUR, Paul. *Interpretação e Ideologias*. 4. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990. p. 17-59.
[6] HEIDEGGER, Martin. *Unterwegs zur Sprache*. 13. ed. Stuttgart: Klett-Cotta, 2003, p. 85-155.
[7] Martin Heidegger, *Unterwegs zur Sprache*, p. 93.
[8] HEIDEGGER, Martin. *Sein und Zeit.* 1. ed. Tübingen: Max Niemeyer Verlag Tübingen, 1967, p. 130.

portas de entrada para isso é "a constituição existencial do "*Da*""[9] do *Dasein*. Aqui, é necessário deter-se para entrever essas duas perspectivas.

A primeira é a questão de "o Ser-em enquanto tal". Nesse momento, torna-se evidente aquilo que Paul Ricoeur frisou em seu livro, *Interpretação e Ideologia* [10]: o importante na busca pelo Ser é o "em", a ambiência. O que ressoa nela é o índice do jogo de ocultamento/não-ocultamento do Ser. Buscando apreender as contribuições de Heidegger na tarefa de erigir a Hermenêutica enquanto um método, Ricoeur indica a importância do "em":

> *Os fundamentos do problema ontológico devem ser procurados do lado da relação do ser com o mundo, e não da relação com outrem. É na relação com a minha situação, na compreensão fundamental de minha posição no ser, que está implicada, a título principal, a compreensão. [...]Não se trata do ser-com um outro, que duplicaria nossa subjetividade, mas do ser-no mundo. Esse deslocamento do lugar filosófico é tão importante quanto a transferência do problema de método sobre o problema do ser. A questão* mundo *toma o lugar da questão* outrem. *Ao* mundanizar*, assim, o compreender, Heidegger o despsicologiza. Esse deslocamento ficou inteiramente desconhecido nas interpretações ditas existencialistas de Heidegger. As análises da preocupação, da angústia, do ser-para-a-morte foram tomadas no sentindo de uma psicologia existencial requintada, aplicada a estados de alma raros. Não se deu a devida atenção ao fato de essas análises pertencerem a uma meditação sobre a* mundanidade do mundo *e de pretenderem, essencialmente, arruinar a pretensão do sujeito cognoscente de erigir-se em medida da objetividade. [...]O que se deve precisamente reconquistar, sobre essa pretensão do sujeito, é a condição de* habitante *desse mundo, a partir da qual há situação, compreensão, interpretação.*[11]

É justamente dentro dessa ambiência do "em" que se pode entrever a referência entre a busca pelo sentido do Ser e a sua Verdade. Enquanto em *Sein und Zeit*, a busca é pelo sentido do Ser, já nas *Beiträge* se vislumbra a Verdade do Ser. A partir do momento em que se deixa entrever o "em" como sustentáculo de ambas as buscas, consegue-se perceber a conexão entre elas. Quando se busca a ambiência na qual o Ser se dá e na qual ressoa o seu "acontecimento essencial" (*Wesung*), sentido e verdade se entrelaçam. A Verdade do Ser se deixará entrever pelo sentido ressoado nessa ambiência. O Ser se dá no "*Da*" do *Dasein* de um modo e tonalidades próprias que o singularizam no seu acontecimento. Isto quer dizer: o Ser "ocorre essencialmente" (*west*) na sua Verdade deixando ressoar um sentido e não outro.

Nas *Beiträge*, o Ser é entrevisto à luz da *Ereignis,* uma referência mais originária. Aqui, está em jogo a constituição mútua e no instante entre "mundo ontológico" e "mundo ôntico". As bases para se pensar o Homem já estão lançadas em *Sein und Zeit*. A partir daí, pode-se entrever como se dão as referências

---

[9] Martin Heidegger, *Sein und Zeit*, p. 134.
[10] Paul Ricoeur, *Interpretação e Ideologias*, p. 31-32.
[11] RICOEUR, Paul. *Interpretação e Ideologias*. 4. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990, p. 31-32.

fomentadoras da atualização Ente/Homem/Mortal. Na referência mais originária com a *Ereignis*, a Verdade do Ser é um índice do modo e das tonalidades nos quais essas referências do "mundo ontológico" se dão. O Sentido do Ser abre lugar para entrever a sua Verdade quando a busca muda o seu foco: não apenas apontar para o acontecimento das referências, mas deixar entreluzir o "como" delas. O Sentido do Ser se deixa entrever por esse substrato mais originário do que as derivadas concepções de racionalidade ou substancialidade. A sua Verdade é a busca pelo modo e tonalidades das referências enquanto índice do "ocorrer essencialmente" do Ser. Como se pode perceber, ambas as buscas estão interligadas. Não há como separar referência do seu modo/tonalidades e vice-versa. Heidegger pontua isto nas *Beiträge*:

> *A questão pelo "Sentido do Ser" é a questão de todas as questões. Na execução de seu desenrolar se determina a essência daquele, o que aqui elege "Sentido", isso pelo qual a pergunta enquanto sentido se conserva, o que ela enquanto pergunta abre: a abertura para o ocultar-se, a Verdade.*[12]

Já a segunda perspectiva é a constituição do existencial do *Dasein*. Ela se daria não por elementos racionais, mas sim através da *Stimmung* (tonalidade afetiva) e da *Befindlichkeit*. Enquanto o Ser se deixa vislumbrar na referência com o *Dasein*, isso desloca o "ocorrer essencial" do Homem enquanto racional, enquanto "algo que está à mão" para uma nova ambiência. Dessa maneira, o jogo do Ser em ocultar-se/mostrando, mostrar-se/ocultando deixa entrever o Homem não mais apenas sob o julgo da Metafísica. Não mais está em jogo a racionalização. Ela é derivada. O Homem só se compreende enquanto racional, dentro de uma determinada lógica, porque já "se sente situado" e tonalizado. A partir disso, ele vislumbra atualizações tais como de sujeito-objeto. Diante disso, é necessário, agora, vislumbrar como Heidegger, em *Sein und Zeit*, delimita ambas as dimensões. No que tange à *Befindlichkeit*, ele escreve:

> *O sentir-se situado (*Befindlichkeit*) não apenas abre o* Dasein *em seu lançamento e em sua dependência do mundo já aberto com seu Ser, ele é por si mesmo o modo existencial do Ser, pelo qual ele (*Dasein*) se entrega constantemente ao "mundo", se deixa assaltar por ele (mundo) tanto que, em certo modo, ele (*Dasein*) se afasta de si mesmo.*[13]

Já no que diz respeito à *Stimmung*, ele pontua:

> *A tonalidade afetiva (*Stimmung*) torna evidente "como um é e se torna". Nesse "como um é", o ser tonalizado afetivamente (*Gestimmtsein*) leva o Ser no seu "*Da*". [...] Na tonalização afetiva (*Gestimmtheit*), o* Dasein *já sempre é medida da tonalidade afetiva enquanto o Ente aberto ao qual o* Dasein *esteve entregue no seu Ser enquanto o Ser que ele tem de ser existente.*[14]

É dentro dessa perspectiva que a Linguagem é entrevista como um "sentir-se situado" que se deixa ressoar como uma "tonalidade afetiva". Há uma referência entre *Befindlichkeit* e *Stimmung*. O Homem

---

[12] HEIDEGGER, Martin. *Beiträge zur Philosophie: Vom Ereignis*. 3. ed. Frankfurt: Vittorio Klostermann, 2003, p. 11.
[13] HEIDEGGER, Martin. *Sein und Zeit.* 1. ed. Tübingen: Max Niemeyer Verlag Tübingen, 1967, p. 139.
[14] Martin Heidegger, *Sein und Zeit*, p. 134.

"se sente situado" no "*Da*" do *Dasein* assim como na referência com o Ser enquanto também "se sente situado" no mundo e com os outros a partir de uma "tonalidade". Heidegger indica essa referência na seguinte passagem de *Sein und Zeit*:

> *No sentir-se situado está situado existencialmente uma dependência aberta (*erschließende*) de mundo a partir da qual pode encontrar algo futuro. No ato ontológico fundamental, nós devemos deixar o descobrimento primário do mundo a "mera tonalidade afetiva" (*bloßen Stimmung*).* [15]

A referência entre "mundo ontológico" e "mundo ôntico" é marcada por essa oscilação entre "tonalidade afetiva" e "sentir-se situado". O jogo entre elas deixa ressoar "mundo ontológico" enquanto "mundo ôntico". Enquanto o "*Da*" do *Dasein* se abriu para o dar-se do Ser, enquanto o Homem habitou este espaço enquanto Ente, o mundo sentido e tonalizado é habitado. Cada atualização ôntica nesse mundo é devedora deste "sentir-se situado" e desta "tonalidade afetiva" ontológica. Isso quer dizer: o ressoar de "mundos" é marcado por um jogo no qual um dos jogadores é a Linguagem.

O papel da Linguagem vai se diferenciando ao longo do pensamento de Heidegger. No entanto, isto não quer dizer que um momento negue completamente o outro. Apenas há uma mudança de perspectiva e, justamente por isto, uma complementaridade. Somente onde existem diferenças pode ser entrevisto esse jogo de co-pertença. Assim, vislumbra-se que a busca se altera não por uma simples escolha ou capricho do pensamento, mas por uma necessidade imposta pela própria coisa a se pensar. Quando a busca pelo sentido do Ser se transforma na busca pela sua Verdade, o papel da Linguagem também se altera. Quer dizer: tanto Sentido quanto Verdade transitam sobre o mesmo, ou seja, o Ser, mas o vislumbram a partir de entradas diferentes. Dessa maneira, a Linguagem se desloca para referências mais originárias na medida em que a porta de entrada é vislumbrar esse "mais originário".

Deve-se estar atento para perceber essa sutil diferença. Em *Sein und Zeit*, a referência entre o "*Da*" do *Dasein* e o Ser é entrevista tendo como guia o Ente e sua atualização humana. O Homem se "sente situado" no "*Da*" do *Dasein* enquanto que este também é o lugar do "acontecimento essencial" do Ser. A porta de entrada aqui é a referência entre Ser ↔ *Dasein* ↔ Ente ↔ Homem. Dessa maneira, a Linguagem, enquanto um "sentir-se situado", se deixa entrever através de um jogo de papéis. Ao mesmo tempo em que possui essa especificidade ressaltada neste período de *Sein und Zeit*, ela também deixa vislumbrar as possibilidades posteriormente trabalhadas nas *Beiträge* e na *Unterwegs zur Sprache*. Quando, com as *Beiträge*, a Linguagem é deslocada para uma dimensão mais originária e à luz da Ereignis, ela continua deixando ressoar a referência entre Ser ↔ *Dasein* ↔ Ente ↔ Homem. Em cada instante, a atualização Ente no "*Da*" do *Dasein*, a abertura de mundo enquanto espaço/tempo a partir do "sentir-se situado", a Linguagem já é um índice do ouvir a Linguagem da essência, ou seja, a referência mais originária entre Ereignis e Ser.

A Linguagem enquanto um "sentir-se situado" faz jogo com outras duas *befindenlichkeiten*: compreensão e interpretação. Não se pode deixar levar por uma dimensão derivada quando se busca entrever como

[15] **HEIDEGGER, Martin. *Sein und Zeit.* 1. ed. Tübingen: Max Niemeyer Verlag Tübingen, 1967, p. 137-138.**

ambas se dão enquanto "sentir-se situado". Obviamente, por estar em um terreno ontológico, compreensão e interpretação são existenciais e não existenciárias. Isso quer dizer: toda compreensão e interpretação que o Homem faz no "mundo ôntico", seja de um simples texto, seja de algo ocorrido com ele, qualquer exercício deste tipo já está ambientado em uma compreensão e interpretação mais originárias. "Sentir-se situado" é o modo pelo qual o "*Da*" do *Dasein* se abre tanto para o Ser quanto para o Homem jogando, assim, mundo. A partir disso então, a compreensão enquanto *Befindlichkeit* é um desses modos. Dessa maneira, a compreensão enquanto modo ditará a "tonalidade afetiva" das referências entre mundo, Homem e Ser. Ela propicia a abertura do "*Da*" do *Dasein* enquanto a sustenta desse modo, como abertura. Assim, compreendendo o Ser ontologicamente, o Homem é capaz de habitar o mundo aberto por essa mesma compreensão. Qualquer não compreensão ou má compreensão ônticas são devedoras de uma compreensão ontológica mais originária, ou seja, uma pré-compreensão. Ela abre uma gama de modos possíveis de referência entre Ser e *Dasein*. Um destes modos será atualizado enquanto Ente humano. Toda possibilidade de poder-ser atualizada através de uma compreensão, em um instante, se deixa entrever na compreensão. Enquanto o "*Da*" do *Dasein* se deixa vislumbrar como compreensão, essa abertura permite fluir o poder-ser. O como isto será atualizado permite que este "acontecimento essencial" ressoe em sua autenticidade ou inautenticidade. Na passagem seguinte de *Sein und Zeit*, Heidegger assinala o caráter mais originário da compreensão, assim como a referência entre *Befindlichkeit* e *Stimmung*:

> *Enquanto existenciais (*Existenzialien*), sentir-se situado (*Befindlichkeit*) e compreensão (*Verstehen*) caracterizam a abertura (*Erschlossenheit*) originária do ser-no-mundo. No modo da tonalização afetiva (*Gestimmtheit*), o* Dasein *vê possibilidades entre as quais ele é aqui. No abrir lançante de tais possibilidades, ele já está tonalizado afetivamente. O projeto do poder-ser mais próprio está entregue ao fato do lançamento no* Da.[16]

Com isso, entra em jogo, aqui, a interpretação. Ela é a "tradução" das possibilidades desse pré-compreender o Ser. Esse jogo entre compreensão e interpretação é o que dita o modo como as referências se dão, como elas se situam. Com isto, percebe-se a impossibilidade de se separar uma da outra. Quando se volta para a compreensão, já se está também na ambiência da interpretação e vice-versa. Segundo Heidegger, a compreensão seria mais originária já que projeta as possibilidades atualizáveis que tomam forma na interpretação. Mesmo assim, mesmo uma sendo mais originária do que a outra, não se pode desassociar o movimento de ambas. Aqui, deve-se entrever que "mais originário" não é um "estar em primeiro lugar". O terreno em que habita a compreensão/interpretação/situação do pensamento de Heidegger não é o da Metafísica. Dessa maneira, determinações lógicas tais como "primeiro e segundo lugares" são derivadas. Enquanto Hermenêutica Ontológica, "mais original" está longe de querer apontar para uma relação lógica de causa e efeito, de primeiro e segundo. "Mais originário" quer dizer: mais ontológico e, por isto mesmo ressoante em toda derivada atualização, mesmo na lógica. Com isto, pode-se entrever que a interpretação é o índice de como o *Dasein* pré-compreende o Ser. Interpretação deixa ressoar já uma pré-compreensão. Sendo mais originária e mantenedora da abertura referencial, é

---

[16] HEIDEGGER, Martin. *Sein und Zeit.* 1. ed. Tübingen: Max Niemeyer Verlag Tübingen, 1967, p. 148.

constitutiva de tais determinações a compreensão, ou seja, a Hermenêutica. Sobre o jogo entre compreensão e interpretação, Heidegger indica em *Sein und Zeit*:

> *O* Dasein *projeta enquanto compreensão seu Ser de possibilidades. Através do seu próprio revés, esse* ser para possibilidades *compreendente é ele mesmo, enquanto aberto no* Dasein*, um poder-ser. O projetar da compreensão tem a possibilidade própria de formar-se. Nós nomeamos interpretação (*Auslegung*) a formação da compreensão. Nela, a compreensão se apropria (*eignet*) do seu compreendente compreendido. Na interpretação, a compreensão não se torna algo outro, mas ela mesma. Interpretação se funda existencialmente na compreensão e não nasce aquela desta. A Interpretação não é o ato provido do conhecimento do compreendido, mas a elaboração das possibilidades projetas na compreensão.*[17]

É necessário, aqui, trazer de volta o terceiro elemento quando se busca entrever a dimensão oscilante entre compreensão e interpretação. Ele é aquele entrevisto por Paul Ricoeur como o ponto que deveria ser observado, prioritariamente, em *Sein und Zeit*: a situação. Quando pré-compreende-se o Ser e o interpreta, o modo como se habita a sua Verdade, o modo como o seu sentido é vislumbrado se deixa entrever aí. Logo, compreender, interpretar e situar não podem ser desassociados.

Com isto, pré-compreendendo o Ser e o interpretando em uma possibilidade atualizável, o mundo se abre para e a partir do *Dasein*. Ele não gera o mundo, não o cria, mas se deixa vislumbrar como mantenedor de seu acontecimento. Toda a rede de sentido se deixa entrever a partir dessa possibilidade situada. O *Dasein* habitar o mundo compreendendo/interpretando/situando o Ser enquanto mundo é o índice desse jogo. Dessa maneira, pode-se entrever porque o Homem se dá enquanto ser-no-mundo: o "*Da*" do *Dasein* é o lugar no qual o Ser "ocorre essencialmente" em sua Verdade enquanto o Homem se deixa vislumbrar como o ressoar desse acontecimento. Ele é o índice atualizado de uma possibilidade compreensiva/interpretativa/situada da referência entre Ser e *Dasein*. Ele é "ser-no-mundo" enquanto se deixa colocar como mantenedor desse "ocorrer essencialmente" do Ser, enquanto deixa entrever o jogo do Ser no "*Da*" do *Dasein* como o sentido do Ser. O mundo não se funda no *Dasein*, mas sua abertura é sustentada pelo seu "acontecimento essencial" enquanto Homem mortal. Dessa maneira, compreensão/interpretação/situação atualizáveis no "*Da*" do *Dasein* são o índice de como este suporta a Verdade do Ser, deixando desvelar a referência como o seu sentido.

Diante disso, vislumbrando compreensão/interpretação/situação na referência entre Ser e *Dasein*, como entrever o sentido de uma proposição no "mundo ôntico"? Este sentido é anterior, não logicamente, mas originalmente a esta proposição. É porque uma pré-compreensão já está em jogo com uma interpretação e situação que o *Dasein* enquanto "ser-no-mundo" pode "proposicionar" essa oscilação. No entanto, ao longo da história da Metafísica foram atribuídas à palavra "proposição" uma série de significados. Heidegger elenca três em *Sein und Zeit*: (1) proposição como manifestação (*Aufzeigung*). Aqui, Heidegger deixa entrever a relação entre essa significância e a de *λ)γοω* enquanto "deixar ver o ente a partir dele mesmo"[18]. O que se visa, aqui, não é um sentido, mas o modo como um

---

[17] HEIDEGGER, Martin. *Sein und Zeit.* 1. ed. Tübingen: Max Niemeyer Verlag Tübingen, 1967, p. 148.
[18] HEIDEGGER, Martin. *Sein und Zeit.* 1. ed. Tübingen: Max Niemeyer Verlag Tübingen, 1967, p. 154.

ente está "à mão", à disposição para o *Dasein*. Utilizando o exemplo do pensador, o "martelo é pesado demais". Aqui, o martelo é desvelado em sua *Zuhandenheit*, em sua manualidade somente porque uma circunvisão (*Vorsicht*), um sentido já se deixou entrever. A tríade compreensão/interpretação/situação marca a referência *Dasein* ↔ Ser, de um para o outro, em uma comum pertença na abertura de mundo. É esse jogo, essa abertura que já traz o mundo em uma rede de sentidos circunvista que sustenta toda proposição do "mundo ôntico". (2) Proposição enquanto predicação (*Prädikation*). Aqui, se vislumbra a determinação, a especificação do ente que se desvelou na sua manualidade. Se no primeiro o ente salta da rede de sentidos do mundo aberto por meio de sua "funcionabilidade", aqui isto que o torna objeto usável é restringido: "é pesado demais". Em ambos os momentos ocorre uma restrição da visão. Isso quer dizer: dentre os entes possíveis de saltarem da rede mundo, o martelo foi o privilegiado. Ele foi entrevisto justamente quando se evocou a sua manualidade. Com a predicação, essa restrição se torna mais aguda. Assim, como não era qualquer ente, mas sim o martelo, também não o é qualquer um, mas "o pesado demais". Percebe-se, também, que a relação entre manifestação do ente e sua predicação é indissociável. A proposição no "mundo ôntico" deixa entrever esse modo de abertura de mundo e dar-se da referência mais originária enquanto compreensão/interpretação/situação. (3) Proposição no sentido de comunicação (*Mitteilung*), de "dizer para fora" (*Heraussage*). Nesta última perspectiva, o ente que já foi manifestado em sua manualidade e restringido em sua condição manifestada, é agora comunicado. Enquanto "ser-no-mundo", habitando uma rede de sentidos aberta enquanto mundo, o *Dasein* comunica essa relação entre *Aufzeigung* e *Prädikation*. A comunicação deixa ver com os outros "o ente indicado em sua determinação"[19]. No entanto, deve-se entrever que mais originária do que esta partilha proposicional é a abertura de mundo enquanto rede de sentidos. Independentemente da proposição específica que faz saltar um ente em sua manifestação funcional, é constitutivo do *Dasein* ser "ser-no-mundo". Essa constituição mais originária deixa entrever o jogo referencial de:

Dasein ↔ Ser / _Dasein_ ↔ os outros _Dasein_ / _Dasein_ ↔ entes não dotados da dimensão de _Dasein_.

Isto quer dizer: a comunicabilidade de uma proposição é devedora dessa comunicabilidade mais original, o Discurso da referência entrevista enquanto compreensão/interpretação/ situação.

A partir disso, há um jogo aqui entre "mundo ôntico" e "mundo ontológico". Tomando a proposição nas delimitações da *Aufzeigung*, *Prädikation* e *Mitteilung* como única possibilidade atualizável da tríade compreensão/interpretação/situação, entrevê-se, assim, a dimensão problemática da Metafísica. A referência marcada pela tríade mais originária não apenas tem como atualização essa tríade proposicional derivada. Reduzir, assim, a ambiência mais originária é supervalorizar uma possível resposta a este discurso referencial como toda resposta possível. Totalizando-se assim, o Ser, o seu sentido e a sua Verdade entrevistos por meio dessa linguagem proposicional serão esquecidos. Isto se dá porque ele não se esgota em um dizer ôntico, seja ele qual for, marcado ou não pela Metafísica. O

[19] **HEIDEGGER, Martin. *Sein und Zeit.* 1. ed. Tübingen: Max Niemeyer Verlag Tübingen, 1967, p. 155.**

jogo que lhe é constitutivo, a oscilação entre ausência/presença, não se reduz à relação da tríade proposicional derivada. Cada atualização é um índice desse jogo e não toda a resposta possível dele. Esse jogo é enigmático não porque não tenha resolução, mas porque não é passível de tal. Resolver o jogo de oscilação do Ser é aniquilar as possibilidades do seu "ocorrer essencialmente". Quando não se está atento para esta sutileza tonal entre "a" e "uma", a linguagem ôntica, proposicional e derivada, continuará não dando conta da diferença ontológica entre Ser e ente. Não dará conta do jogo oscilante entre eles, ou seja, o Mistério constitutivo da própria questão do Ser.

Uma outra janela aberta pelo jogo entre "a" e "uma" é a dimensão em que jogam atualização autêntica e inautêntica do "ocorrer essencial" do Ser. Ambas têm sua condição de possibilidade na própria constituição originária do Ser. Enquanto joga com presença/ausência, ele torna possível o próprio esquecimento desse jogo. Por que isso? Porque um modo possível de dizer a oscilação é presentificando-a, fixando-a e estratificando-a. Um outro modo é se colocar em uma linguagem que dê conta desse jogo. A história da Metafísica foi marcada pelo esquecimento do Ser. Quer dizer, igualou Ser e Ente quando, a partir da tríade proposicional derivada, não deu atenção a uma dimensão mais originária: o *als* (como). Estando sob o julgo da proposição, o *als* ficou restringido a uma conformidade entre sujeito e objeto, mente e coisa, mente e enunciado. Assim, o "como" se tornou conformidade entre duas dimensões já dadas. Ele tornou-se o instrumento pelo qual a Verdade é passível de ser desvelada. Então, a Verdade proposicional é adequação.

Não entrever o "como" na dimensão da tríade hermenêutica referencial compreensão/interpretação/situação é esquecer que o sentido e a Verdade do Ser se deixam vislumbrar como oscilação presença/ausência. Sentido do Ser: referência. Sua Verdade: modo e tonalidades do seu "ocorrer essencialmente". Se a questão do Ser enquanto sentido já traz consigo a questão da sua Verdade, não vislumbrar a tríade mais originária é não deixar ressoar a sua oscilação. No entanto, só se pode entrever isso quando se deixa entrever que a Verdade aqui não é tida como conformidade. Ela se entreluz enquanto ambiência aberta no qual o Ser "ocorre essencialmente". Nas *Beiträge*, Heidegger deixa essa dimensão do "como" se entrever com mais força quando busca a Verdade do Ser. Ele se dá como *Ereignis*, ou seja, na ambiência dela, a partir dela. O "como" então remete para um lugar do qual Ser e as referências mais originárias do "mundo ontológico" são devedores. Não se trata mais de uma conformidade entre dimensões já dadas, mas o "acontecimento essencial" de Ser, *Dasein*, ente e Homem ressoante no "como".

O sentido do Ser, não restringido pela Metafísica, se vislumbra através de uma atualização possível enquanto esta deixa entrever o jogo entre compreender/interpretar/ situar. O jogo é o índice da própria referência, ou seja, o sentido do Ser. Quer dizer: buscar o sentido do Ser é buscar o "como" ele se dá na abertura do "*Da*" do *Dasein*. "Como" aqui entrevisto enquanto modo. O "ocorrer essencialmente" do Ser se dá em um modo. Em *Sein und Zeit*, Heidegger entrevê essa referência enquanto "como", enquanto a ambiência de oscilação, o "entre" Ser, *Dasein* e toda constituição do mundo (sua rede de sentidos para com os outros *Dasein*(s) e os entes), na temporalidade/historicidade. A Verdade enquanto

abertura para esse "acontecimento essencial" apenas se deixa entreluzir. No entanto, se o sentido do Ser é entrevisto nesse jogo, a sua Verdade é justamente o apontamento para o lugar no qual ele ocorre e, ainda mais radical, para o modo como ele ocorre. Se nas *Beiträge* se dão apontamentos do modo e tonalidades deste "como", em *Sein und Zeit* procura-se entrever essa ambiência referencial enquanto "como". Por isso, não se pode perder de vista a ligação entre *Sein und Zeit* e os textos pós anos 30, pós *Kehre*. Não há referência sem "como" e vice-versa.

É justamente quando a procura pelo sentido do Ser se torna a busca pela sua Verdade que a Linguagem ganha um novo "papel". Nas *Beiträge* e nos textos da obra *Unterweg zur Sprache*, a Linguagem se deixa entrever como o próprio ressoar da Verdade do Ser no "*Da*" do *Dasein*. O Discurso (*Rede*) e a Linguagem são co-originários, pois é o jogo entre eles que deixa ressoar o modo e a tonalidade nas quais as referências dos elementos do "mundo ontológico" se dão. Elementos estes tais como: Ser, *Dasein*, ente, Ereignis e último Deus. Então, Linguagem e Discurso estão em jogo, mas ambos habitam essa dimensão mais originária, dando conta dela e a deixando ser entrevista. No entanto, em *Sein und Zeit*, a busca ainda é pelo Sentido do Ser, ou seja, entrever o Ser ambientado no "como". No parágrafo 34 desta obra, Heidegger procura vislumbrar o jogo entre "*Da-sein* e discurso. A linguagem"[20]. Isto quer dizer: essa oscilação entre *Dasein* e Discurso entreluzente da referência enquanto "como". Por mais que a Linguagem já traga a questão pela sua Verdade, a ambiência na qual trabalha o pensador em *Sein und Zeit* ainda é menos originária do que as posteriores. Com isso, o jogo entre "mundo ontológico" e "ôntico" é trazido mais à tona. Afinal, quer se buscar um novo sentido do Ser à luz da referência "como". Se a existência do *Dasein* é marcada pelo "ser-no-mundo" e "ser-com-os-outros", uma nova referência com o Ser é entrevista. Isso se deixa ressoar tanto na temporalidade quanto na historicidade em que está imbuído o *Dasein*. Com isto, a Linguagem é vista como aquela que dá voz ao "como" da referência e não enquanto aquela que o fomenta, assim entrevista nas obras posteriores já citadas. Pode-se dizer, então, que em *Sein und Zeit*, Heidegger deixa entrever a Linguagem ainda não na sua dimensão mais originária, mas sim em uma referência menos originária com o Discurso. Este, sim, é mais originário. Isto se dá enquanto a Linguagem "é a pronunciabilidade (*Hinausgesprochenheit*) do discurso"[21]. Assim como os outros entes intramundanos, ela pode se tornar apenas mais uma coisa à mão. No entanto, "existencialmente, o discurso é linguagem, pois o ente, cuja abertura ele (o discurso) articula em medida de significado, tem o modo de ser do lançado, indicado ser-no-mundo, a partir do "mundo""[22].

Deve-se pontuar, aqui, que não se trata de um discurso como o falado no mundo cotidiano, ôntico. Apesar desse Discurso ser fomentador, através da Linguagem, de uma ponte entre "mundos" ontológico e ôntico, ele não é aquele proferido no "dia a dia" e nem carrega ou suporta um sentido já dado. Ele é a possibilidade dos sentidos ao deixar ressoar a pré-compreensão do Ser do *Dasein*, do tom no qual essa abertura possibilita mundo e sua rede de sentidos. Toda Linguagem ôntica e seu discurso proferido pelo Homem no mundo cotidiano, ôntico, já dado, uma palestra, por exemplo, são devedores

---

[20] HEIDEGGER, Martin. *Sein und Zeit.* 1. ed. Tübingen: Max Niemeyer Verlag Tübingen, 1967, p. 160.
[21] HEIDEGGER, Martin. *Sein und Zeit.* 1. ed. Tübingen: Max Niemeyer Verlag Tübingen, 1967, p. 161.
[22] Martin Heidegger, *Sein und Zeit,* p. 161.

desse Discurso existencial, não temático. O Discurso traz consigo o modo e a tonalidade da abertura da referência Ser↔*Dasein*↔mundo. Segundo Heidegger, "enquanto constituição existencial da abertura do *Dasein*, o discurso é constitutivo para aquela existência"[23]. O Homem enquanto *Dasein* se sente situado nessa abertura através de uma tonalidade afetiva específica enquanto pré-compreende o Ser. O Discurso dessa pré-compreensão é interpretado enquanto o modo desse habitar. Dessa maneira, quando se diz Discurso se está apontando para o próprio jogo entre compreensão e "sentir-se situado". Como Heidegger indica:

> *Existencialmente, o discurso está igualmente originário para com o sentir-se situado e a compreensão*. Antes da interpretação apropriante, compreensibilidade já também está sempre articulada. Discurso é a articulação da compreensibilidade. Ele está situado aquém, já está na base da interpretação e da declaração. Aí, na interpretação, nós nomeamos o sentido já articulado no discurso, pois mais originário. Aí, na articulação articulada, falante enquanto tal, nós nomeamos o todo de significado.[24]

Nesse momento, pode-se entrever radicalmente porque sentido e Verdade do Ser não podem ser desassociados e se dão em jogo constitutivo da própria busca pela questão do Ser. Quando se vislumbra o Ser nesse referencial "como", o modo e as tonalidades já se deixam entrever. Isto se deve porque não há referência sem modo/tonalidades e vice-versa. Quando se busca a Verdade do Ser enquanto o seu modo de "ocorrer essencialmente", o "como" também é trazido à tona. A diferença entre as duas é uma simples e ao mesmo tempo determinante questão de porta de entrada. Sentido do Ser, "como" referencial, sua Verdade, modo/tonalidades. Indissociáveis porque efetivamente constituídas em uma co-pertença.

Enquanto se deixa entrever como o modo e as tonalidades nos quais o *Dasein* habita o mundo, o Discurso também detém o papel de "comunicar". Isto quer dizer: enquanto se dá no mundo, com os outros, o *Dasein* habita uma rede de sentidos, a compartilha com outros entes dotados do caráter de *Dasein*. Ele comunica essa rede de sentidos, pois comunica um modo de habitar o mundo. Ele comunica o Discurso interpretativo da pré-compreensão do Ser enquanto modo de habitar o mundo. Segundo deixa entrever Heidegger: "o discurso é a articulação "discurso é o articular significante da compreensibilidade do ser-no-mundo ao qual pertence o ser-com e aí permanece em um determinado modo de um ser com o outro preocupante (*miteinandersein besorgenden*)"[25].

Assim, se vislumbra que um horizonte está em jogo com o Discurso. Ele comunica limites, mesmo que estes ainda não tenham um tema específico. Cada atualização de habitar mundo é devedora desse Discurso interpretativo da pré-compreensão do Ser. Isto quer dizer: os horizontes da abertura de mundo no qual a referência Ser ↔ *Dasein* se deixam entrever são devedores do Discurso. Há, aqui, um ciclo: enquanto o *Dasein* está na referência com o Ser, esta se dá no modo e tonalidades interpretados da pré-compreensão referencial "como". O Discurso marca singularmente cada referência atualizada

---

[23] Martin Heidegger, *Sein und Zeit,* p. 161.
[24],Martin Heidegger, *Sein und Zeit,* p. 161.
[25] HEIDEGGER, Martin. *Sein und Zeit.* 1. ed. Tübingen: Max Niemeyer Verlag Tübingen, 1967, p. 161.

enquanto deixa fluir essa referência entre Ser↔*Dasein*. Não há como desassociar Discurso e referência, assim como não tem como separar Ser e *Dasein*. O jogo entre ambos é constitutivo deles.

Dessa maneira, pode-se entrever que o que o Discurso comunica, o dito dessa referência é o próprio pronunciamento do modo e das tonalidades, é o próprio compreender interpretado discursivamente. É nesse jogo que o *Dasein* habita o mundo, habitando essa referência Ser↔*Dasein* enquanto que esse jogo entre modo e tonalidades se dá nessa referência. Como Heidegger assinala:

> *Todo discurso sobre…, que comunica no seu discursado, tem ao mesmo tempo o caráter de* pronunciar-se *(*Sichaussprechen*).* Dasein *se pronuncia discursente, não porque esteja, em primeiro lugar, insulado enquanto um "interior" frente a um fora, mas porque ele já está "fora" entendido enquanto ser-no-mundo. O pronunciado é justamente o ser fora que chama (*heißt*) o modo (*Weise*) respectivo do sentir-se situado (*Befindlichkeit*) (da tonalidade afetiva (*Stimmung*)) pelo qual seria assinalado que o modo diz respeito a completa abertura do ser-em. O índice lingüístico pertencente à manifestação do situado ser-em está situado no tom, na modulação, no ritmo do discurso, "no modo (*Art*) do falar". A comunicação das possibilidades existenciais do sentir-se situado (*Befindlichkeit*), que chama o abrir da existência, pode tornar-se alvo próprio do discurso "poetante".*[26]

A partir desse ponto em diante do parágrafo 34 em *Sein und Zeit*, Heidegger joga com elementos que depois serão de suma importância para a compreensão/interpretação/ situação da Linguagem e sua essência. São eles: a dimensão poética, a essência da Linguagem, o "*Da*" do *Dasein*, o ouvir e o calar-se. Já aqui, o pensador deixa entrever que buscar a essência da Linguagem não é estar em jogo com as outras ciências, tal como a Lingüística. O trabalho proposto por esta não leva vislumbrar o essencial da Linguagem na constituição da referência "como" entre Ser e *Dasein*. Segundo Heidegger pontua:

> *As tentativas em formar a "essência da linguagem" tomaram, pois também sempre a orientação desses momentos de maneira isolada e conceituaram a linguagem no guia das idéias da "expressão", da "forma simbólica", da comunicação enquanto declaração, do "manifesto" da* Erlebnis *ou da "formação" da vida. Mas também nada se ganharia para uma completa e suficiente definição da linguagem se se quisesse juntar sincreticamente essas peças de determinações diferentes. O decisivo permanece em destacar previamente toda a ontologia-existencial da estrutura do discurso do fundamento da analítica do* Dasein.[27]

Dessa maneira, entrevê-se que somente a partir da referência entre Ser e *Dasein* sob novas bases que não a da Metafísica, a essência da Linguagem pode ser vislumbrada no seu "acontecimento essencial". Por isso, por mais que nos textos posteriores a *Sein und Zeit* Heidegger dê mais ênfase à questão da Linguagem em sua dimensão mais originária, coloque o Discurso em uma co-originariedade com a Linguagem, não quer dizer que a chave de entrada referencial Ser ↔ *Dasein* seja esquecida. Ela é apenas, juntamente com a Linguagem, radicalizada em uma ambiência ainda mais originária à luz da Ereignis. A busca pelo Ser perpassa toda a obra de Heidegger, seja através da busca pelo seu sentido, seja pela sua Verdade.

---

[26] HEIDEGGER, Martin. *Sein und Zeit.* 1. ed. Tübingen: Max Niemeyer Verlag Tübingen, 1967, p. 162.
[27] Martin Heidegger, *Sein und Zeit*, p. 163.

Este fio condutor que atravessa *Sein und Zeit* e perpassa as obras posteriores se deixa entrever, também, quando Heidegger traz para o jogo do Discurso a questão do calar-se (*schweigen*), do ouvir e do "*Da*" do *Dasein*. O Discurso não se trata de uma necessária expressão verbal ôntica. Ele está fundado também no calar-se. A atualização do *Dasein* no mundo também pode se dar através da não fala, da não "falação". Enquanto escuta o Discurso da pré-compreensão interpretativa do Ser e se coloca no resguardo do calar-se, o *Dasein* se deixa entrever como o lugar no qual a abertura para com o Ser se deixa vislumbrar. Assim, o "acontecimento essencial" do Ser se deixa vislumbrar no seu jogo de ausência/presença. Heidegger pontua:

> *Mas calar-se (*Schweigen*) não significa ser mudo. Ao contrário, o mudo tem a tendência de "falar". Um mudo não apenas provou que não pode se calar, lhe falta até toda possibilidade de provar tal coisa. E tão pouco quanto o mudo, alguém que está habituado, por natureza, a falar pouco não mostra que ele se cala e pode se calar. Quem nunca diz alguma coisa também não pode se calar em um dado instante. Apenas em um discursar autêntico é possível calar-se propriamente. Para poder calar-se, o* Dasein *deve ter alguma coisa a dizer que significa dispor de uma abertura própria e rica de seu si mesmo. Então, reticência (*Verschwiegenheit*) se faz evidente e o "falatório" se abafa. Reticência articula, enquanto modo (*Modus*) do discursar, a compreensibilidade do* Dasein *tão originalmente que provém dela o poder ouvir autêntico e o um ser com o outro transparente.*[28]

Enquanto o *Dasein* escuta esse Discurso da pré-compreensão interpretativa do Ser, ele pode se dar no mundo e com os outros. "Somente quem já compreende, pode escutar"[29]. Com essa pontuação, Heidegger deixa entrever não somente que a compreensão é mais originária, mas também que quem escuta já está, de alguma forma, delimitado por um horizonte de compreensibilidade. Mais radical: quem escuta já está pré-delimitado por uma ambiência que se abriu na tonalidade dessa compreensão interpretativa discursiva escutada. Habitando esse Discurso da pré-compreensibilidade interpretativa do Ser, o *Dasein* ouve. Deixando-se entrever enquanto esse jogo entre compreensão e escuta é que "discursar e escutar se fundam na compreensão"[30]. Isto quer dizer: há uma tensão oscilante entre compreender, escutar e discursar. Para discursar onticamente, seja através do resguardo do calar-se ou não, o *Dasein* já habita essa ambiência do jogo entre compreensão, discurso e escuta. Escutando a compreensibilidade interpretativa discursiva do Ser, o *Dasein* se deixa entrever como o espaço para atualização desse jogo. Desse modo, todo discurso ôntico, toda compreensão/interpretação/situação ônticas são devedoras desse habitar compreensivo interpretativo discursivo escutante mais originário.

Diante disso, em *Sein und Zeit* entrevê-se que a Linguagem é o índice do modo como essa atualização se dá no mundo e com os outros. Depois, com a busca pela Verdade do Ser, a Linguagem vai fazer jogar com toda essa ambiência da compreensão, interpretação, escuta e Discurso. Sua essência será vislumbrada aí e, assim, a Linguagem da essência poderá ressoar no dito do pensador. Entretanto, em ambos os períodos, há um jogo que é importante ser entrevisto aqui: a Linguagem e a referência

---

[28] HEIDEGGER, Martin. *Sein und Zeit.* 1. ed. Tübingen: Max Niemeyer Verlag Tübingen, 1967, p. 164-165.
[29] Martin Heidegger, *Sein und Zeit*, p. 164.
[30] Martin Heidegger, *Sein und Zeit*, p. 164.

(*Bezug*). Tanto nas *Beiträge* quanto nos textos de *Unterweg zur Sprache*, a Linguagem é vislumbrada enquanto referência "como" em um modo e tonalidades próprios. O "ocorrer essencialmente" da Linguagem é devedor desse jogo e vice-versa. Em *Sein und Zeit*, a Linguagem é o índice já atualizado dessa referência mais originária. Independente do lugar no qual a Linguagem está localizada, o seu jogo com a referência permanece.

Assim, é importante entrever agora o que se toma por referência. Ela é a chave para compreender/interpretar/situar a busca pelo Sentido do Ser e, depois, sua Verdade. Por referência, Heidegger não quer dizer relação. Por que disso? Relação remete a uma constituição ambientada no terreno da Metafísica. Pensar a partir disso é pressupor que Ser e *Dasein* já se deram em si, nas suas particularidades e só posteriormente entraram em relação. Já por referência, o pensador quer apontar para a necessidade e o jogo constitutivo mútuo e instantâneo entre Ser e *Dasein*. A referência é o jogo no qual a Linguagem dita o modo desse se dar. Se o que se busca é o Sentido do Ser e sua Verdade à luz da Linguagem, da compreensibilidade discursiva do Ser, a referência deve ser entrevista. Como Heidegger mesmo pontua no texto *Aus einem Gespräch von der Sprache*: *zwischen einem Japaner und einem Fragenden*:

> *A linguagem é, portanto, o que prevalece e carrega a referência do homem com a duplicidade entre ser e ente. A linguagem decide a referência hermenêutica*[31].
>
> *Refiro-me à palavra "referência". Geralmente, pensamos com ela a relação. O que se sabe da relação, pode-se designar de maneira formal e vazia, utilizando um sinal de cálculo. Pense no procedimento da lógica matemática. Contudo, também podemos escutar a palavra "referência", de maneira totalmente diversa, na frase "o homem se encontra numa referência hermenêutica com a duplicidade de ser e ente". E devemos inclusive fazê-lo, quando nos dispomos a pensar com atenção o que se acabou de dizer*[32].

Com essas duas passagens, pode-se entrever como a Linguagem está sempre em jogo, tanto com a compreensão quanto com a referência. A mudança ao longo das obras de Heidegger sobre essa temática apontam apenas para uma maior radicalidade, maior originariedade pela qual a Linguagem é entrevista. Com isso, querer vislumbrá-la é colocar em jogo períodos distintos, mas que se ligam pela simples, porque mais próxima, e distante, porque mais misteriosa busca: a questão do Ser.

---

[31] **HEIDEGGER, Martin. *A Caminho da Linguagem*. 1. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2003, p. 97.**
[32] **Martin Heidegger, *A Caminho da Linguagem*, p. 99.**